

O DESCOMPASSO ENTRE O CORPO E A MORAL EM *O IDIOTA*

Glenda Moreira Gouvêa

Graduanda em Letras pela Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, São Paulo, SP, Brasil

glenda.gouvea@usp.br

Rafael Alves de Sousa Barberino Rodrigues

Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Docente de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus São Roque – IFSP, São Roque, SP, Brasil

barberino.rafael@ifsp.edu.br

Resumo

O presente trabalho analisa o Príncipe Míchkin, o protagonista de *O Idiota*, de Fiódor Dostoiévski, como um arquétipo cristão de bondade e moralidade tão elevadas que o tornam uma figura deslocada e trágica. O texto destaca a tensão central entre o ideal ético de Míchkin, marcado pela renúncia total, e a sua fragilidade física, simbolizada pela epilepsia. Essa tensão o impede de se integrar plenamente à realidade. Ao tentar sustentar uma vida guiada por princípios universais, desprezando a corporeidade e os deveres para consigo mesmo, ele é incompreendido e exaurido, o que culmina em seu colapso psíquico e em seu retorno ao sanatório. A despeito da fé cristã professada pelo autor, o romance abre espaço para a crítica de um moralismo idealista que ignora os limites e as necessidades do corpo humano.

Palavras-chave: moralidade; corpo; idealismo; Míchkin.

THE MISMATCH BETWEEN BODY AND MORALITY IN *THE IDIOT*

Abstract

This work analyzes Prince Myshkin, the protagonist of *The Idiot* by Fyodor Dostoevsky, as a Christian archetype of goodness and morality so elevated that it renders him a displaced and tragic figure. The text highlights the central tension between Myshkin's ethical ideal, marked by total self-renunciation, and his physical fragility, symbolized by epilepsy. This tension prevents him from fully integrating into reality. In attempting to sustain a life guided by universal principles, while disregarding corporeality and his duties toward himself, he is misunderstood and exhausted, culminating in his psychological collapse and his return to the sanatorium. Despite the Christian faith professed by the author, the novel allows room for a critique of an idealistic moralism that ignores the limits and needs of the human body.

Keywords: morality; body; idealism; Myshkin.

1 Descompasso entre o Corpo, a Moral e Ética e a Realidade em *O Idiota*

Dois homens sentados frente a frente iniciam uma conversa no trem. Um deles é o príncipe Lev Nikolaevich Míchkin, o Príncipe. Míchkin, recém-saído de um sanatório na Suíça, retorna à Rússia para receber uma herança. O outro é Parfen Rogójin, que apresenta um temperamento intenso e impulsivo. Os dois que nada tinham de parecido trocam palavras no vagão de um trem. E esse diálogo antecipa não somente um futuro que conecta os dois personagens, mas também a teia emocional que compartilharão junto à figura de Nastácia Filíppovna, formando um complexo triângulo amoroso.

Todos os que já leram a obra, provavelmente, experimentaram algum incômodo já nesse diálogo inicial: a gentileza e a sensibilidade do príncipe não o alertavam sobre as intenções de Rogójin? Ao que tudo indica, sim, ele lia perfeitamente o caráter de seu companheiro de viagem. Mas a intensidade quase agressiva do outro não o intimidava? Pelo contrário, nosso personagem só é capaz de compadecer-se. Essa perfeita lucidez concomitante a uma incapacidade absoluta de autodefesa é o que intriga o leitor, bem como os demais personagens da obra. Esse breve diálogo basta para capturar a atenção: convém analisá-los, porque são como tipos de personalidade que se defrontam, um pouco como se, da obra, pudéssemos retirar um ensaio teórico, um estudo sobre este encontro típico.

O personagem central é alguém cuja bondade extrema o torna deslocado em uma sociedade movida por interesses, vaidades e contradições. A moralidade que encarna ao longo de todo o romance é de um tipo específico: a moral da abnegação, da renúncia de si. Essa postura, no entanto, produz efeitos sobre seu corpo: ele adoece progressivamente, até a perda completa da sanidade.

Exemplifica essa moral a sua renúncia a Nastácia Filíppovna, pois, a despeito de amá-la, ele compreende que seu rival tem maior merecimento. Posteriormente, ao ser questionado sobre a possibilidade de matrimônio com Filíppovna, ele responde

que para devolver a ela a tranquilidade e fazê-la feliz, eu daria toda a minha vida, porém ... eu já não posso amá-la, e ela sabe disso! [...] Eu não posso me sacrificar dessa maneira, embora o tenha querido uma vez e ... é possível que agora também o queira. Mas eu sei ao certo que comigo ela estará arruinada e é por isso que eu a estou deixando (Dostoiévski, 2002, p.551).

Seus gestos, que parecem sempre serem guiados por um ideal de compaixão, chegam ao limite da renúncia total. Algo como um cumpridor obsessivo do imperativo categórico, o príncipe encarna uma espécie de ideal kantiano¹ vivido em carne e osso. Ele é alguém guiado por princípios universais, mesmo quando isso cobra um preço emocional alto. O Príncipe abdica de seu bem-estar, pois acredita que os desejos de outras personalidades da trama são mais valiosos que os seus. E sua compaixão e crença da bondade das pessoas que o cercam, contribuem para um aspecto virtuoso do personagem. E é nesse contexto, que Dostoiévski constrói o príncipe como um arquétipo do cristão.

Ao mesmo tempo, seu corpo carrega a fragilidade dessa postura ética. A epilepsia, que havia sido tratada na Suíça, mas que, com o decorrer dos acontecimentos volta a se manifestar, torna-se símbolo de sua marcante vulnerabilidade física. É um contraste entre corpo frágil e espírito elevado que percorre o romance inteiro. Míchkin parece viver num dilema constante. Sua moralidade o ilumina e marca um comportamento inocente, quase infantil, também pesa. Ela protege sua alma, mas corrói com intensidade sua saúde, identidade e até relação consigo mesmo.

Essa sensação de descompasso entre o corpo e o ideal aparece em várias cenas. A título de exemplificação, é válido ressaltar quando Rogójin lhe pergunta se é um apreciador das mulheres, e prontamente responde que “ - Eu, n-n-não! É que eu... Talvez o senhor não saiba, mas por causa de minha doença congênita nunca conheci mulher” (Dostoiévski, 2002, p.16). Míchkin evita envolvimento íntimo, afasta-se de experiências que poderiam trazer prazer ou desejo, e raramente se permite sentir algo que não seja compassivo ou altruísta. Sua vida se torna um exercício contínuo de renúncia. O que impressiona não é apenas do que ele abre mão. É como essa sua entrega quase absoluta vai diluindo sua própria individualidade.

Dostoiévski explora essa tensão ao colocar o Príncipe ao lado de personagens guiados por forças muito mais intensas. Rogójin é alguém que vive a paixão de forma obsessiva. Diferente de Míchkin, ele é impulsivo, violento e guiado, em incontáveis situações, por desejos egoístas. O que sente por Nastácia vai além de um amor saudável. É uma necessidade de tê-la a qualquer custo. Rogójin não sabe lidar com a rejeição e chega a preferir destruí-la a

¹ É costume que se busque a própria felicidade e se espere a perfeição alheia. Kant, no entanto, inverte em sua ética essas expectativas: “o agente moral deve visar sempre sua própria perfeição e a felicidade alheia; estes são fins, que são também deveres” (Kant, 2008, p.229). Sem qualquer sistema de contrapesos e balanceamentos, podemos pensar num ser humano que leva esse ideal ao extremo e abre mão de sua completa felicidade em favor de um incremento mínimo de felicidade alheia. Parece-nos que o Príncipe Míchkin é exatamente a personificação desse ideal em suas últimas consequências.

aceitar perdê-la. E Nastácia Filíppovna, que vive entre o desejo e a autodestruição, é uma mulher muito bonita e inteligente, embora marcada por uma história difícil, cheia de dor e abuso. Vive num ambiente cheio de manipulações e jogos de interesse, e se envolve repetidamente em relações que só a machucam. Ela se encontra presa a um ciclo de relações marcadas por interesse superficial, sem oferecer o amor verdadeiro que ela tanto busca. E esses fatos contribuem para sua instabilidade. Nastácia é alguém à beira de um colapso. Imprevisível. Ela deseja reconhecimento e afeto mas, na tentativa de encontrar isso, acaba se ferindo ainda mais.

Esses três formam um triângulo turbulento. E Míchkin surge como uma figura ética, mas também trágica. Ele não consegue balancear o relacionamento com seu corpo e a moralidade em um mundo movido por impulsos contraditórios. Em meio a tantas atrocidades, ser o único a fazer o certo o torna um verdadeiro idiota. A vida moral que ele tenta sustentar não encontra apoio na realidade que vive, e nem oferece alívio à sua condição física. A tensão que atravessa a figura de Míchkin pode ser compreendida a partir da forma como seu corpo se situa em meio a um conflito moral, que ele encara com frequência. Sua epilepsia não é somente uma condição clínica. É um marcador social que expõe o julgamento que Míchkin sofre. Sua fragilidade é vista como uma incapacidade intelectual, fato que ele mesmo reconhece ao lembrar que foi tratado como “idiota” durante sua estadia na Suíça. Seu corpo já é percebido pelos outros a partir de significados que não partem dele, mas do olhar social que o enquadra.

A moral cristã que orienta suas ações, centrada na compaixão, no perdão e na entrega, entra em tensão com a materialidade de seu corpo. Por isso a tradição cristã, especialmente aquela que atribui valor redentor ao sofrimento, encontra em Míchkin uma figura quase exemplar. Sua disposição em acolher a dor e responder à violência com bondade aproximam-o de um ideal cristológico. É possível aproximar sua conduta de um horizonte ético próximo ao pensamento de Kant, sobretudo no que diz respeito à centralidade do dever. Míchkin parece em várias situações agir segundo um princípio interior que independe das consequências, como se sua ação estivesse orientada por algo análogo ao imperativo categórico. Ele faz o bem não por interesse, mas por convicção. Entretanto, essa adesão rigorosa ao dever tende a desconsiderar os limites do corpo, que sofre, adoece e colapsa diante de tensões que não se resolvem apenas no plano moral. Essa mesma postura o torna particularmente vulnerável em um ambiente que não compartilha desses valores.

É nesse ponto que a moral passa a incidir de forma problemática sobre o corpo. Ao tentar sustentar uma ética absoluta em um mundo marcado por contradições, Míchkin se submete a um intenso desgaste físico e emocional. Suas crises epiléticas, por exemplo, frequentemente emergem em momentos de grande tensão psíquica, como se o corpo reagisse àquilo que não encontra elaboração possível na esfera racional. Seu corpo torna-se objeto de exposição. Suas crises são observadas, comentadas e interpretadas pelos outros, sem que haja espaço para resguardar sua vulnerabilidade. O que deveria permanecer no âmbito da experiência íntima converte-se em espetáculo.

Em certa cena da narrativa, quando um humorista faz uma publicação sobre o Príncipe, ele responde:

sem dizer palavra, precipitou-se para um canto, ali afundou e cobriu o rosto com as mãos. Sentia uma vergonha insuportável, e sua impressionabilidade infantil, ainda não habituada à sujeira, estava indignada inclusive acima da medida. Parecia-lhe que acontecera algo singular, que destruíra tudo de uma só vez, e que por pouco ele mesmo não era a causa, ainda que fosse só por ter lido aquilo em voz alta (Dostoiévski, 2002, p.313).

Essa incompreensão social é também fonte de sofrimento psíquico. As crises, a culpa constante e a exaustão emocional mostram o peso de viver sob um ideal que exige suprimir desejos naturais e, por vezes, a própria humanidade. O romance, nesse sentido, critica o moralismo que despreza o corpo. Nesse caso, um moralismo ainda presente em diversas práticas éticas e religiosas contemporâneas.

A tentativa de viver de acordo com uma moral elevada acaba por intensificar seu isolamento. O princípio ético universalista de Míchkin se encontra em uma realidade problemática. A dimensão cristã de sua trajetória também encontra limites, ainda que no caso de Míchkin assuma contornos excessivos. Seu padecimento não produz transformação efetiva no meio que o cerca. Sua forma de dor que não redime, mas apenas evidencia a inadequação de sua ética diante do mundo concreto. Seu corpo torna-se, assim, o lugar de uma experiência de sofrimento que permanece sem resolução.

A narrativa conduz inevitavelmente à dissolução desse sujeito moral. A doença, a pressão social e o esvaziamento de si culminam numa espécie de morte simbólica e real. O final trágico, em que o Príncipe retorna para um sanatório, reforça as mazelas de viver plenamente a moral abnegação de si no mundo concreto. Há limites que o corpo impõe, e Dostoiévski os expõe com brutalidade. Ainda assim, há algo de profundamente humano e

bonito no personagem. O modo como Míchkin se doa, mesmo quando isso o machuca, revela uma dimensão de sacrifício que aproxima a ética da transcendência. Não somente como a negação do corpo, mas como uma tentativa de espiritualizá-lo. No entanto, o equilíbrio que permitiria integrar corpo e moralidade falta ao príncipe. Sua vulnerabilidade extrema denuncia o perigo de qualquer idealismo absoluto.

Por fim, *O Idiota* mostra como o corpo, na moral cristã platonizante, se torna campo de conflitos intensos. Míchkin encarna essa tensão até o esgotamento. O Príncipe não fracassa por ausência de virtude, mas possivelmente por seu excesso. Seu sofrimento aponta para um problema central: a trajetória de Míchkin sugere que uma ética que ignora o corpo tende a se tornar insustentável na prática. Portanto, a obra é um convite a repensar modelos morais que ignoram a corporeidade. Míchkin representa o ideal e, ao mesmo tempo, sua impossibilidade prática. E é talvez nessa contradição que reside uma de suas mais notáveis contribuições.

Referências

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Idiota**. trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Trad. Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2008.